

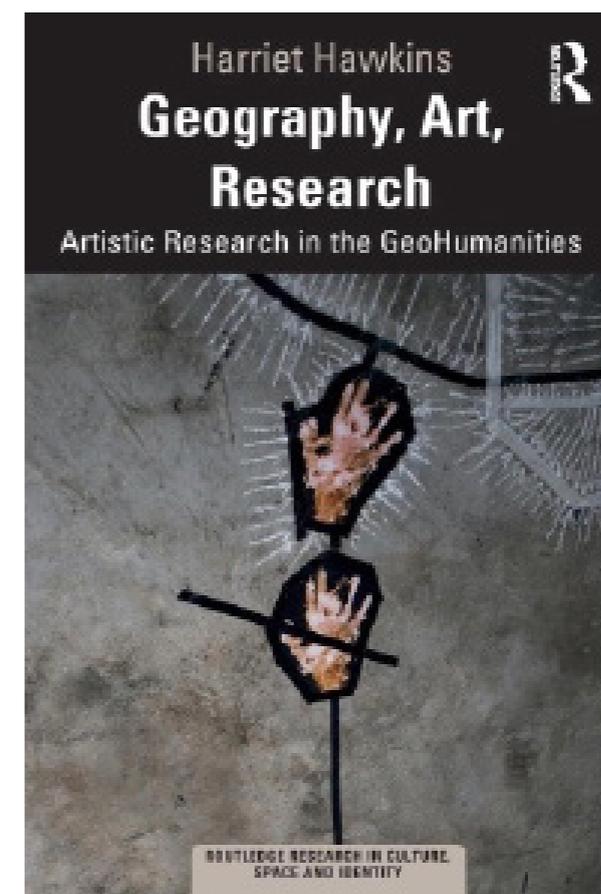
## AS ARTES COMO CAMINHO DE PESQUISA GEOGRÁFICA

Maíra Kahl Ferraz<sup>1</sup>

HAWKINS, Harriet. **Geography, Art, Research: Artistic Research in the GeoHumanities**. London: Routledge, 2021.  
ISBN: 0367558351

A ligação entre Geografia e arte está nas raízes do surgimento da ciência geográfica moderna. Porém, essa conexão fica mais ou menos em evidência ao longo do tempo. Foi no final da década de 1960, no contexto do surgimento da geografia humanista e cultural que as artes voltaram a fazer parte dos estudos geográficos de maneira sistemática. Mas de que maneira as artes são e podem ser abordadas nas pesquisas geográficas? A prática artística pode ser uma forma de pesquisa geográfica? É necessário que nós geógrafas e geógrafos revisitemos nosso entendimento sobre artes e pesquisa geográfica? É partindo dessas indagações que a geógrafa Harriet Hawkins inicia o seu livro mais recente, lançado em 2021, intitulado “Geography, Art, Research: Artistic Research in the GeoHumanities”.

<sup>1</sup> Professora do curso de licenciatura em geografia do IFSP – São Paulo, membra do grupo de pesquisa NOMEAR – Grupo de Pesquisa Fenomenologia e Geografia – Unicamp – Limeira, SP. mairakferraz@gmail.com.  
✉ R. Pedro Vicente, 625, Canindé, São Paulo, SP. 01109-010.



Hawkins é inglesa e atualmente atua como professora na Royal Holloway, na Universidade de Londres. Em suas pesquisas ela tem explorado a questão da prática criativa para isso busca na intersecção entre as artes, geografia, criatividade, imaginação e estética estabelecer discussões científicas em diálogo com práticas artísticas.

Na obra tratada a autora afirma que há um crescente número de geógrafas e geógrafos “fazendo” práticas artísticas como método de pesquisa, o que ela chama de “virada criativa” (*creative turn*) ou de retorno criativo (*creative re-turn*). Nesse sentido, sua preocupação é compreender os métodos adotados e a intersecção entre geografia e a prática criativa, além de refletir sobre produção, consumo e circulação dessas pesquisas. Assim, o livro é desenvolvido buscando compreender criticamente não somente questões que envolvam as artes, mas também a maneira como entendemos a pesquisa.

Para embasar suas discussões a autora combina as perspectivas da geografia e das humanidades e se inspira em trabalhos de historiadores da arte, sociologia da arte, teoria da arte, geógrafos e historiadores da ciência e do conhecimento, além de pesquisas interdisciplinares.

Na Geografia, a autora se baseia na abordagem geohumanista, que ela define como um termo que “[...] reconhece o valor das perspectivas das artes e das humanidades e práticas para a produção do conhecimento geográfico”<sup>2</sup> (p. 5). Dessa maneira, em sua obra a pesquisa é considerada sempre como uma forma de integrar a prática artística.

Fundamentada, portanto, no conceito de geohumanidades, Hawkins estabelece três trajetórias que se interconectam para tecer seus argumentos. A primeira está relacionada com a apreciação de trabalhos que fazem a intersecção entre pesquisa geográfica e práticas criativas, por isso essa primeira trajetória explora os principais locais nos quais tais intersecções acontecem. Ela considera que são oito os locais onde isto pode ocorrer. Esses locais são basilares para o desenvolvimento de suas ideias e condizem com a divisão dos capítulos do livro, a saber: 1. Campo, 2. Estúdio, 3. Laboratório, 4. Comunidade, 5. Residência, 6. Tese, 7. Páginas, e 8. Exibição.

“A segunda trajetória traça os entendimentos da pesquisa geográfica, das artes e da criatividade que emergem no meio desses oito lugares”<sup>3</sup> (p. 6). Já a terceira considera como esses locais se unem e podem ser (re)imaginados a partir da ligação entre pesquisa geográfica e prática criativa.

Antes de expormos os principais pontos trazidos nos capítulos citados acima, é importante ressaltar algumas questões que envolvem conceitos apresentados na obra. O primeiro deles é criatividade, que assim como todo conceito carrega uma polissemia. Sabemos que há uma apropriação deste conceito por práticas neoliberais, o que

<sup>2</sup> Tradução livre de: “[...] recognizes the value of arts and humanities perspectives and practices for geographical knowledge making”.

<sup>3</sup> Tradução livre de: “The second trajectory traces the understandings of geographical research, and of arts and creativity that emerge from the midst of the eight sites”.

acaba gerando movimentos a favor e contra a criatividade. Porém o que a autora busca trabalhar é a criatividade enquanto força metodológica e prática de pesquisa, considerando a multiplicidade de formas que podem ser manifestadas a partir da prática criativa.

Considerando essas multiplicidades, ela ressalta o retorno criativo (*creative re-turn*) com a geografia e volta da pesquisa (*research turn*) com a prática criativa. A ideia de retorno criativo com a geografia expressa o senso da intensificação nas primeiras décadas do século XXI do local e do valor das práticas criativas com os métodos de pesquisa geográficas. Nesse sentido, é importante ressaltar que essa tendência não é exclusiva da ciência geográfica e outros campos científicos também têm adotado.

Contudo, o aumento da abordagem acerca da criatividade na geografia pode gerar algumas tensões como pontuadas pela autora. A primeira tensão se refere aos métodos visuais, porque ao envolverem imagens acabam delegando a elas um papel de contadora da verdade. A segunda tensão diz respeito às habilidades, e a partir dessa tensão podemos questionar se a geografia desenvolve habilidades ou colabora com aquelas e aqueles que têm mais habilidades criativas. A terceira tensão é uma preocupação política no sentido da participação nas comunidades científicas de geógrafas e geógrafos que adotam a abordagem da prática criativa.

Expostos os principais argumentos que embasam teoricamente as ideias da autora, passemos então para uma breve explanação dos capítulos que estão intrinsecamente relacionados com os lugares e as formas de fazer pesquisa geográfica a partir de uma prática criativa pautada na abordagem geohumana.

É importante ressaltar que todos os capítulos trazem muitos exemplos de investigações, obras e pesquisas artísticas desenvolvidas na Europa, especialmente na Inglaterra, porém não vamos adentrar nos casos específicos. Buscamos ressaltar aqui, resumidamente, a principal ideia sobre os lugares expostos e como eles podem contribuir na interseção entre a prática criativa e a pesquisa geográfica.

O primeiro capítulo, “Campo”, trata de uma das práticas mais antigas da geografia, o trabalho de campo. Hawkins acredita que o trabalho de campo pode ser um “local de desdobramento da prática criativa e das relações geográficas de pesquisa”<sup>4</sup> (p. 31). Para isso é importante adotar algumas práticas e dispositivos para o campo se tornar um local de prática criativa, como fazer desenhos, tirar fotos, ouvir os sons, entre outras. Nesse sentido, a técnica não é tão importante quanto a imaginação que possibilita a abertura para o fenômeno.

Com relação ao campo, a autora considera que deve haver uma resignificação dessa prática, porque como sabemos foi adotada no processo de colonização seguindo tendências imperialistas. Sendo assim, ela propõe

<sup>4</sup> Tradução livre de: “[...] field as a site for unfolding of creative practice and geographical research relations”.

práticas no campo que incluam corporeidades, emoções, afetividades e sensorialidades. Para essa perspectiva ela se apoia na antropologia, especialmente nos trabalhos de George Marcus e Tim Ingold.

Tão importante quanto o campo para as práticas criativas e produção geográfica é o “Estúdio” tratado no capítulo seguinte. Os estúdios podem ser diversos lugares e de diferentes disposições, podem ser nas universidades, ou na casa das pessoas, além disso podem ser móveis como os laptops. Ela descreve um estúdio na Universidade de Oklahoma e aponta a importância dos estúdios como locais de socialização.

Analisando os estúdios, ela conclui que precisamos dar valor a prática criativa como processo de material de pensamento e investigação e ainda, devemos situar o processo artístico durante todo o processo de pesquisa, evidenciando, portanto, um senso de processo e não algo acabado. Aliás essa ideia de processo não se restringe apenas às práticas relacionadas aos estúdios, mas permeia toda a discussão da obra, pois os resultados são tidos como parte do processo e não um final, desta forma os processos são essenciais na prática criativa.

O terceiro lugar analisado é o “Laboratório” que está muito relacionado ao estúdio, porque ela não trata somente do laboratório tradicional, mas de laboratórios em espaços artísticos. Segundo a autora, os laboratórios são potencialmente lugares de colaboração e comunicação e a colaboração é algo importantíssimo para o processo criativo.

No quarto capítulo, a “Comunidade” é entendida como podendo ter diversos tipos de arranjos, e ela define como “um local vibrante para interação da prática criativa e da pesquisa geográfica”<sup>5</sup> (p. 92). Buscando questionar a importância do processo criativo e do resultado, a autora afirma que a participação é essencial e essa participação pode ocorrer entre geografia e arte, ou seja, entre pesquisadores e artistas.

É nesse sentido que ela adentra o capítulo seguinte que trata da “Residência”. Residência é um programa comumente destinado a artistas para trabalharem em departamentos de artes ou ateliês, contudo nos Estados Unidos, na década de 1960 o programa se expandiu para os departamentos de ciências. Então o artista é tido como um elo de conexão entre a prática criativa e o fazer científico, pois “Residentes’ podem exercer um papel poderoso ao estabelecer conexões entre as disciplinas, entre universidade, pessoas e as organizações ao seu redor, entre diferentes comunidades e diferentes formas de pensar”<sup>6</sup> (p. 123).

Para compreendermos o programa de residência nas universidades é importante entendermos o programa a partir de três pontos relevantes: 1. como desmaterialização da prática artística, ou seja, que o trabalho artístico emerge

5 Tradução livre de: “Community is a vibrant site for the intersection of creative practices and geographical research”.

6 Tradução livre de: “Residencies can play a powerful role in making connections across disciplines, between the university, people and organizations around it, between different communities and across different ways to think”.

através das relações sociais entre os artistas e as instituições; 2. as instituições são mais do que um local de trabalho, são um meio e um material para a prática artística, e 3. reflexões nas políticas institucionais da residência.

Neste último caso vários pontos podem ser abordados, porém gostaria de ressaltar sobre os espaços utilizados nas instituições universitárias, pois ao exporem suas artes ou fazer performances os artistas podem ser questionados e até expulsos do local. Nesse ponto, outra questão relevante que perpassa a obra pode ser tratada, que é como consumimos e nos expomos as artes e também as pesquisas.

Sabemos que há um padrão muito aceito na academia que são as teses e os artigos científicos, mas teríamos outras maneiras de nos expressarmos cientificamente e artisticamente? Essa é uma pergunta que é trazida em vários momentos do livro. E por isso o capítulo "Tese" discute a forma que as teses têm sido defendidas e propõe a ampliação para outras maneiras de práticas e experiências de pesquisa.

Ainda sobre o fazer a tese, a autora comenta que há várias maneiras de supervisionar o que depende dentre outras coisas da natureza da tese e da experiência dos envolvidos. Porém ela não deixa de ressaltar questões de ansiedade que envolvem esse processo, ansiedade que pode ocorrer tanto por aquela/le que supervisiona o doutorado, quanto por parte das alunas e alunos.

Muitas vezes o processo de escrita é árduo e solitário, mas talvez a partir da aproximação entre ciência e as artes essa complexa tarefa poderia ser diferente, no caso a autora fala sobre ter a escrita como prática de pesquisa, uma parte ontológica.

No capítulo posterior página, Hawkins explora a cultura da impressão e publicação, ou seja, a discussão envolve a produção, o consumo e a circulação das páginas produzidas a partir da relação entre geografia e artes. Em diálogo com Tim Cresswell, questiona como a leitura de textos fora do formato acadêmico vão ser lidos e revistos pelos pares, concluindo, portanto, que há necessidade de mudar não somente a forma de produção, mas também de publicação e revisão.

Partindo de uma perspectiva histórica para compreender o contexto de publicações afirma que há um aumento da publicação no mundo das artes e que as práticas de publicação em geografia têm sido diversas. Algumas revistas têm aberto seções de práticas e curadoria.

Quando falamos em publicações é praticamente impossível deixar as métricas utilizadas pela academia, por revistas e sites e nesse sentido ela problematiza a dificuldade de fazer pareceres ou terem pareceristas que atuam na intersecção entre pesquisa geográfica e prática criativa.

O último capítulo trata das “Exibições”, que segundo a autora são a maneira mais comum que as artes têm de se tornarem conhecidas desde meados do século XX. Apesar do crescimento de exposições raramente a geografia é incluída no grupo chave de disciplinas modernas “exibicionistas”.

Recentemente o termo exposição-pesquisa (*research-exhibition*) tem se tornado mais comum e feito parte da comunicação e divulgação científica. Assim como a arte, a ciência é um processo, e se na primeira os resultados são tão importantes quanto o processo, na segunda ocorre o mesmo. Dessa maneira, ao abordarmos as exposições não deveríamos nos ater somente aos resultados, mas nas relações entre curador, contexto social, público, considerando, portanto, a exposição como um lugar de produção de conhecimento, nesse sentido a autora entende que as exposições podem ser “uma pesquisa em ação”, assim o público seria co-pesquisador neste processo.

Por fim a autora faz uma breve retomada dos pontos abordados em sua obra no Pensamentos finais, ressaltando que ela pretendeu abordar a intersecção entre a pesquisa geográfica e as práticas criativas, refletindo sobre como fazemos a interconexão entre ciências e artes e de que maneira ocorre o consumo e circulação do material produzido.

Ao resenhar um livro corremos o risco de deixar de fora pontos que podem ser essenciais para outras pessoas e até mesmo para a autora ou autor da obra. Certamente isso ocorre, mas o que fica é um convite para a leitura da obra completa: uma semente para refletirmos sobre as relações entre o fazer geografia e a prática artística que, juntas, podem expandir os pensamentos e as feitura artísticas geográficas. ☺